

# quanto é a dívida em atraso?

Afinal, de

O Brasil registra atraso de mais de 120 dias no pagamento dos juros da dívida externa, o que torna estranha a afirmação do diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano (foto), de que os atrasados líquidos não passam de US\$ 1,12 bilhão, observou ontem dirigente de um banco integrante do comitê de coordenação da fase 2 da renegociação da dívida brasileira.

Outra fonte do próprio Banco Central reconheceu que o número citado por Madeira Serrano não reflete a posição real do caixa do País por abater as reservas cambiais brasileiras no seu conceito amplo, o que inclui ativos de pouca liquidez.

Segundo o dirigente do banco estrangeiro, a sua instituição deixou de receber juros e parcelas de amortização devidas desde o final de setembro. Daí sua surpresa com a informação do diretor do Banco Central de que os atrasados líquidos do País caíram para US\$ 1,12 bilhão, na semana passada. Lembrou que, para os bancos credores, não existe a discriminação entre atrasados brutos ou líquidos.

Fonte do Banco Central explicou que, do total de compromissos externos em atraso, Madeira Serrano abateu o volume de reservas globais para chegar ao saldo líquido de atrasados. Enquanto o técnico admite que o conceito restrito de atrasados líquidos pouco significa para a avaliação do caixa brasileiro, o diretor do Banco Central diz que não dispõe do total bruto de compromissos em atraso. Para complicar, o Banco Central não divulga o volume de reservas desde o final de 1982, em termos oficiais, quando o saldo era de US\$ 3,99 bilhões no conceito amplo — embo-



ra o Brasil já não dispusesse de reservas líquidas.

Mas todos concordam que a semana começa com dados animadores. A primeira parcela de US\$ 1 bilhão do jumbo de US\$ 6,5 bilhões saiu na última sexta-feira e o País pode promover a redução efetiva dos atrasados. Hoje, o presidente e o vice-presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin e Eduardo Castro Neiva, respectivamente, esperam concluir os entendimentos com os grandes banqueiros norte-americanos para que o BB possa voltar ao sistema de compensação automática de Nova York, o *Clerking House Interbank Payments System (Chips)*. Na quinta-feira, o Brasil espera a liberação de US\$ 400 milhões do FMI, e, na sexta, de mais US\$ 1 bilhão dos bancos.

Ainda esta semana, em dia ainda não confirmado, chegará o chefe do subcomitê de economia do comitê renegociador da dívida, Douglas Smee, do Banco de Montreal.

Enquanto aguarda o ingresso das outras duas parcelas de US\$ 1 bilhão do jumbo, nos próximos dias 16 e 23, o Banco Central precisa também acelerar a assinatura dos contratos remanescentes de créditos comerciais e interbancários, so-

bretudo com organismos oficiais e bancos regionais. Banqueiros nacionais e estrangeiros entendem que, agora, o Brasil não mais terá dificuldades para fechar mesmo a fase 2 da renegociação da dívida, com a conclusão das negociações bilaterais para o reescalonamento total dos US\$ 3,8 bilhões de dívidas junto aos países membros do Clube de Paris, a vencer até dezembro próximo, e ainda completar o comprometimento dos US\$ 2,5 bilhões de financiamentos oficiais e importações brasileiras.

De acordo com técnicos do Banco Central, faltam apenas formalismos burocráticos, inclusive para a assinatura de contratos de linhas comerciais dos bancos privados. No Banco Central, o maior trabalho envolve a análise das numerosas e minuciosas cláusulas dos contratos-bases, impostas pelo comitê renegociador, para evitar que certos dispositivos possam levar, a exemplo do que ocorreu na fase 1 de renegociação, o Legislativo, a Ordem dos Advogados do Brasil e outras instituições a questionarem a ameaça à soberania nacional nos entendimentos com os credores.

Uma delegação de 12 jornalistas estrangeiros inicia segunda-feira visita de duas semanas aos projetos financiados pelo Banco Mundial no Brasil. A delegação é chefiada pelo assessor do Bird na América Latina, Ciro Gamarra, para quem os investimentos do Bird no Brasil este ano deverão manter-se no mesmo nível do ano passado, quando foram aprovados empréstimos de 1,3 bilhão de dólares. A primeira etapa da visita, que está sendo coordenada pela Seplan, é a área do Polonoroeste, onde o Banco Mundial está investindo cerca de US\$ 450 milhões.